

**Narrativa literária e sacralidade da vida
em um conto de Rubem Fonseca**

*Literary narrative and sacredness of life in a short story
of Rubem Fonseca*

Adriano Rodrigues ALVES¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo compreender, a partir dos pressupostos da literatura comparada, a sacralidade da vida na construção ficcional, problematizando as relações intersubjetivas dos personagens e suas interações no contexto urbano em uma narrativa curta do autor Rubem Fonseca, no conto “Matador de corretores” da coletânea *Amálgama* (2013). Para isso, além das contribuições específicas das abordagens literárias, foram utilizadas outras contribuições da Sociologia, Antropologia e Filosofia. A pressuposição é de que a literatura nos ajuda a requestionar o mundo que nos cerca, pois a forma e o conteúdo das narrativas estão a ele inter-relacionados. Os contos de Rubem Fonseca abordam eventos que, à primeira vista, remetem à ideia da banalização da violência cotidiana em diferentes espaços sociais, mas o que está no centro é um questionamento sobre os significados da vida e suas ambiguidades. Sob esse aspecto, a violência colocada em evidência nos contos realça o seu contrário, o que está fora deles e o que dialoga com eles: a sacralidade da vida.

Palavras-Chave: Rubem Fonseca, *homo sacer*, Literatura e Sociedade.

Abstract

This aim of this study is to understand, due to the assumptions of comparative literature, the sacredness of life on the fictional construction, problematizing the intersubjective relations of the characters and their interactions in the urban environment of Rubem Fonseca’s literary works. In order to achieve this, besides the specific contributions of literary approach, other contributions of sociology, anthropology and philosophy were used. The study was based on one short story, “Matador de corretores”, of *Amálgama* (2013). The presupposition is that the Literature helps us to question the world that surround us, because the form and the content of the narrations are interrelated. Rubem Fonseca’s short stories approach events which, at first glance, refer to an idea of the violence trivialization in different social areas, but the main idea is the questioning about the meaning of life and its ambiguities. In this regard, the emphasised violence

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: adriano.responde@outlook.com

on the short stories highlights its contrary, what is outside them and what dialogues with them: the sacredness of life.

Keywords: Rubem Fonseca, *Homo Sacer*, Literature and Society.

Introdução

Inserido no tema mais amplo da relação entre literatura e sociedade, este trabalho possui o intuito de compreender, a partir dos pressupostos da literatura comparada, a sacralidade da vida na construção ficcional, problematizando as relações intersubjetivas dos personagens e suas interações no contexto urbano na narrativa curta do autor Rubem Fonseca.

Devido à ocorrência da violência de forma excessiva e repetitiva presente em muitas narrativas do referido autor mineiro, assim, nesta perspectiva, temos a narrativa curta “Matador de corretores”, da coletânea *Amálgama* (2013), também de Rubem Fonseca. Nesse conto, o assassino dos corretores fica indignado com a imprensa da cidade por ela não dar espaços maiores para divulgação de seus crimes e, assim, acaba cometendo os seus crimes cada vez mais violentos para que eles possam ter mais repercussões e mais alcance na mídia. Ocorre, com isso, certa banalização da morte, uma banalização que põe em debate a sacralidade da vida: a vida humana é algo sagrado, mas ambíguo, porque ao mesmo tempo é um corpo e um ser matável. Porém, são os valores e significados de um contexto social que podem “decidir”, por vários mecanismos, sejam eles critérios estabelecidos de acordo com as práticas sociais, como as abordagens biológicas da genética e crenças culturais e religiosas, quais vidas devem continuar a viver ou devem morrer, ou apenas sobreviver. Trata-se dos mecanismos de poder ligados à biopolítica, como mostrou Foucault (2008), como será mostrado à frente. Com isso, surgem várias perguntas tais como: em nosso contexto contemporâneo qual a importância da vida? Como nós podemos falar em sacralidade da vida nos dias atuais?

A partir dessas indagações sobre, principalmente, quem tem o direito de viver e o de morrer, que surgiu o interesse em estudar a violência, a sacralidade da vida em nossa contemporaneidade da sociedade brasileira e, como, por meio de nossa literatura, esses temas são problematizados.

É com esse viés que embasaremos este estudo, pela importância da arte no contexto social, pois a linguagem é um meio pelo qual podemos expressar\simular realidades e também aumentar nossa compreensão de mundo, assim “[...] é certo que não há realidade que não passe pelo crivo da linguagem, que a linguagem é capaz de criar realidades – não só narrativas como narrativas simuladas [...]” (LIMA, 2000, p.246). A confirmação dessa linguagem que é capaz de criar realidade, como citada acima nas palavras de Luiz Costa Lima, foi apontada também sobre outra perspectiva no prefácio da coletânea, *64 contos de Rubem Fonseca*, por Tomás Eloy Martínez: “[...] tudo que leio de Fonseca produz em mim um assustador efeito de realidade. [...] as palavras que desfia tecem um desenho do qual o leitor jamais consegue se desvencilhar [...]” (MARTÍNEZ, 2004, p.14).

As narrativas deste autor brasileiro, Rubem Fonseca, tematizam muitos eventos sobre a violência. Ao lermos os seus textos literários imediatamente podemos imaginar/lembrar uma situação real da cena narrada, seja porque vimos certas cenas parecidas em forma de notícia de alguma *mass media* ou porque alguém nos contou, ou até mesmo porque presenciamos em algum momento de nossas vidas tais acontecimentos que ocorrem em narrativas violentas.

Com isso, para compreender a sacralidade da vida na construção ficcional das relações intersubjetivas entre personagens e suas interações no contexto urbano na obra literária do autor Rubem Fonseca, e elucidar as estratégias narrativas que a enfocam, utilizamos as concepções teóricas de Giorgio Agamben (2014; 2013a; 2013b; 2012) sobre *homo sacer*, as de René Girard (2008) sobre “vítima expiatória” na relação entre o sagrado e a violência e as de Michel Foucault (2008; 2010; 2013; 2014a; 2014b) sobre biopolítica.

É nesta perspectiva que pretendemos compreender os mecanismos que contribuem para a sacralidade da vida na sociedade brasileira contemporânea e a fundamental importância da literatura para nos auxiliar na reflexão sobre o mundo real violento que nos rodeia.

Alguns temas e contextos das narrativas de Rubem Fonseca

Com o propósito de estudar uma narrativa curta do autor brasileiro Rubem Fonseca, do ponto de vista sociológico e literário, como uma forma de problematizar a

situação da violência urbana por meio das narrativas ficcionais é importante considerar como a crítica literária as aborda.

Assim, com o intuito de responder essas indagações subjacentes à relação da literatura com o contexto social, recorreremos aos pressupostos da literatura comparada. Nesse sentido, Perrone-Moisés aponta a importância que a literatura tem como uma forma de utopia crítica:

[...] teríamos hoje uma relação menos idílica da obra literária, porque ela não é mais concebida só como um objeto de contemplação e prazer, mas como uma utopia crítica que nos obriga a requestionar constantemente o mundo que nos cerca (PERRONE-MOISÉS, 2006, p.97).

Assim, Perrone-Moisés (2006), enfatiza a literatura como uma utopia crítica que nos ajuda a requestionar o mundo que nos cerca, é porque a forma e o conteúdo das narrativas estão inter-relacionadas a esse mundo. Por essas relações entre a literatura e contexto social, Silviano Santiago chega a propor os estudos literários como parte das Ciências Sociais:

Os estudos literários passaram a fazer parte das ciências ditas sociais na medida em que forneciam subsídios em nada desprezíveis para melhor entendimento da história social, visto que o próprio objeto de estudo, a literatura, representava mimeticamente a estrutura da sociedade, fornecendo uma compreensão da sua organização social e apontando, com essa compreensão, um sentido para a direção do seu desenvolvimento (SANTIAGO, 2002, p.251-252).

À essa mesma qualidade dos estudos literários, em fomentar um novo olhar ou uma nova perspectiva para compreendermos determinados aspectos de um contexto social, podemos associar, paralelamente às reflexões do crítico Silviano Santiago.

De todo modo, os temas da violência, dos assassinatos brutais e da crueldade, aí incluindo o sadismo, não são apenas literários. Como observou o crítico Deonísio da Silva (1979) observando a agudeza de Rubem Fonseca para encontrar inspiração para suas narrativas, nos diz que “Rubem Fonseca não inventou a violência. Ela está por aí. O que ele inventou foi um modo violento de narrar essa violência que lhe serviu de matéria-prima” (p.52).

Do ponto de vista da linguagem e da temática, Fábio Lucas (1983) afirma que a literatura de Rubem Fonseca legitimou o uso do palavrão como meio de anarquia e o uso da obscenidade para mostrar a banalidade da libido, revelando-se:

Um mestre na arte de armar o enredo, no jogo da veloz comunicação de situações tensas, na exploração da violência generalizada da sociedade, quer a nível linguístico, quer a nível temático. Há, nas suas personagens mais marcantes, um estudado descompromisso com a ordem burguesa e uma elevada disponibilidade, uma errância existencial que as faz repentinamente prisioneiras do sistema. A linguagem, para transmitir a velocidade actancial com que os episódios se sucedem, se distribui no uso intensivo do falar carioca, nas breves citações de cultura dos povos, na arregimentação dos sinais da era eletrônica, de que a matriz, os Estados Unidos, oferece os exemplos pioneiros ou os mais significativos. Os diálogos transmitem com ajustada equivalência o nível de excitação e premência da vida urbana moderna (LUCAS, 1983, p.143).

O crítico Fábio Lucas enfatiza que a ficção de Rubem Fonseca, como a realização da crônica da violência elevada ao paroxismo da brutalidade, o insere no que Alfredo Bosi (2008) denominou brutalismo *yankee* na década de 70.

Alfredo Bosi (2008) argumenta que os autores que caracterizam esse tipo de narrativa, o brutalismo *yankee*, apresentam o homem imerso na cidade mecânica, revelando, além dos fatos, um *underground* feito de sadismo, terror e pornografia. Porém, destes subterrâneos da fantasia poderá emergir o sonho utópico de retorno à natureza, da comunhão afetiva.

Nesta mesma linha de pensamento, o crítico Wendel Santos afirma que Rubem Fonseca não escreve uma literatura desligada da realidade da sociedade brasileira:

Rubem Fonseca não escreve uma literatura desligada da situação brasileira. Ele denuncia, como prosador, um ângulo, um aspecto, do mundo de seu leitor; como prosador, ele se compromete com a existência brasileira, e fala de um universo que é a história em processo. Tal posição diante da literatura faz de sua obra depositária de *um valor literário específico*: o da representação de um acontecimento humano fundamental (SANTOS, 1978, p.116, grifo do autor).

Quanto à elaboração do personagem, Antonio Candido (2011b) nos revela que, por meio da onisciência do criador, o mistério da pessoa viva copiado na obra pode ser

revelado pela interpretação. Porém sua incógnita real nunca será revelada, pois foi acrescentado a ele o plano psicológico do autor.

Outro aspecto interessante do mundo narrativo fonsequiano é que os personagens, por mais que sofram ou ajam com violência, provocam no leitor certo sentimento de compaixão devido às mais variadas formas do personagem relatar o seu modo de observar o mundo, que na maioria das vezes recai em reflexões sobre pensamentos filosóficos e até mesmo discussões sobre arte.

A sacralidade da vida

O tema da sacralidade da vida, mais especificamente o termo “sacralidade” aqui relacionado, frequentemente associado ao nível religioso em si, não se restringe a somente esse significado neste estudo. Trata-se de uma significação ampla que nos leva à valorização da vida humana tematizada nas concepções teóricas de *homo sacer* e “vida nua”, do filósofo italiano Giorgio Agamben (2014; 2013; 2012), da vítima expiatória, de René Girard (2008), e da biopolítica proposto por Michel Foucault (2008; 2010; 2014) e também por Agamben.

Neste sentido, temos que o “sagrado é tudo o que domina o homem, e com tanta mais certeza quanto mais o homem considere-se capaz de dominá-lo” (GIRARD, 2008, p.45). Conforme o pensamento durkheimiano, a religião é mais do que a ideia de deuses e espíritos, assim, a característica fundamental da religião é o sagrado, que é algo magnífico, enquanto seu oposto, o profano, está relacionado às coisas ordinárias e mundanas. Sendo a sociedade a alma da religião, o sagrado só pode aparecer em âmbito social, este em um nível superior, sublime, e o profano é a ausência de poder, o vulgar no cotidiano.

Na concepção de Agamben (2014) em toda a sociedade existem mecanismos que determinam quem são os *homo sacer*. Toda sociedade, mesmo a mais moderna, fixa este limite de decidir quais são os “homens sacros”, os homens cuja vida cessa de ser politicamente relevante e passa a ser impunemente eliminada. Dentro desta questão de condição natural e condição humana, para o filósofo italiano, estão os termos *zoé* e *bíos*. Assim, *zoé* é a vida em sua existência biológica nas mais variadas formas e multiplicidades, considerada “vida nua”, uma vida na essência animal, vida na qual se

encaixam essencialmente os animais e os vegetais. A vida considerada *bíos*, exprime a qualidade dos indivíduos de se organizarem em coletividade, por meio do encontro e confronto, com o intuito de buscar o bem comum, o fim último de alcançar a felicidade.

Nesta perspectiva, também temos de refletir o conceito de biopoder/biopolítica, proposto por Michel Foucault e posteriormente “reestudado” por Giorgio Agamben, para compreender a política de Estado que visa disciplinar e controlar a população e manipular a vida do indivíduo.

Pois, para Foucault (2010), a biopolítica trata-se de um conjunto de processos, como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. Com isso, é da natalidade, da morbidade, das incapacidades biológicas diversas, dos efeitos do meio, é tudo isso que a biopolítica vai definir como campo de intervenção de seu poder. Desta maneira, a biopolítica vai implantar mecanismos que levam em conta a vida, os processos biológicos do homem-espécie e de assegurar sobre eles não uma disciplina, mas uma regulamentação de agir de tal maneira que se obtenham estados globais de equilíbrio.

Portanto, a política se preocupou em procurar mecanismos de como deixar o corpo biológico de sua população forte, mas adestrado aos regulamentos do governo: “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. [...] Abre-se, assim, a era de um ‘biopoder’” (FOUCAULT, 2014b, p.150 -151).

No entanto, com o liberalismo econômico do século XIX, segundo Foucault (2008), condicionava aos indivíduos a experimentar perpetuamente em suas vidas situações de perigo. Nessa época, há também o surgimento da literatura policial e do interesse jornalístico pelo crime. Tem-se o início de campanhas relativas à doença e à higiene. Começa a surgir toda uma preocupação em torno da sexualidade e do medo da degeneração: degeneração do indivíduo, da família, da raça, da espécie humana.

Nesse sentido, Bazzanella e Assmann (2013) exemplificam em seus estudos sobre as teorias de Agamben, que o mais importante para a condição humana é a linguagem, pois sem a linguagem o homem está em sua natureza humana, sendo assim uma vida singularmente biológica e, na visão do poder soberano, isso indica uma vida matável. Pois o que diferencia o homem dos animais é o desenvolvimento da sua linguagem. Quando o homem é impossibilitado, por vários motivos, de desenvolver a

sua linguagem socialmente, a forma política dessa sociedade passa a considerá-lo na condição natural de animal e não mais em sua condição humana respeitada socialmente.

Neste princípio de valorização populacional, para Agamben, desde os primórdios da civilização é recorrente o rebaixamento da vida à condição de vida nua. A essência dessa estrutura política que visa produzir dispositivos para a valorização do corpo biológico em seu contexto civilizatório, populacional e paradoxalmente excluir a vida de sua esfera natural ou de direitos, é o biopoder, a biopolítica.

Relações impessoais mediadas pelo contexto urbano

Por meio de várias perguntas tais como: em nosso contexto contemporâneo qual a importância da vida, ou quem tem o direito de viver e o de morrer? Como nós podemos falar em sacralidade da vida nos dias atuais? Com qual autor brasileiro trabalhar essas questões de forma atual e ainda encontrar uma forma de problematizar a situação da violência urbana real com a ficcional?

Portanto, com o intuito de responder tais proposições, culminamos nas teorias de *homo sacer*, a de vítima expiatória e a da biopolítica e, para conseguirmos vislumbrar o autor ideal para se estudar o tema sacralidade da vida elegemos Rubem Fonseca. Como mencionado antes, o autor mineiro possui uma escrita narrativa cujo estilo é caracterizado como “realismo feroz” (cf. CANDIDO, 2011c, p.255), “brutalismo yankee” (cf. BOSI, 2008, p.15), “romance negro” (cf. KOBAYASHI, 2013; COELHO, 2009), e que provoca no leitor um efeito de “nocaute”. Isto é, suas narrativas que nos fazem ficar atordoados, querer compreender a complexidade do ser humano em seu contexto social urbano brasileiro. Com isso, emergem mais indagações de como Rubem Fonseca tematiza o assunto da violência e sacralidade da vida em seus textos, e como a literatura problematiza tal assunto com a realidade.

Com o intuito de enfatizar a ideia do conceito de biopolítica, trazemos um fragmento do romance *Os Demônios*, de Dostoiévski, onde é possível verificar as intenções biopolíticas da teoria proposta pelo personagem Chigalióv, cuja essência requer dividir os homens considerados de “vida nua” (os *zoé*) dos homens considerados com direitos ilimitados na sociedade (os *bíos*):

[...] Ele propõe, como solução final do problema, dividir os homens em duas partes desiguais. Um décimo ganha liberdade de indivíduo e o direito ilimitado sobre os outros nove décimos. Estes devem perder a personalidade e transformar-se numa espécie de manada e, numa submissão ilimitada, atingir uma série de transformações da inocência primitiva, uma espécie de paraíso primitivo, embora, não obstante, continuem trabalhando. As medidas que o autor propõe para privar de vontade os nove décimos dos homens e transformá-los em manada através da reeducação de gerações inteiras são excelentes, baseiam-se em dados naturais e são muito lógicas (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.392-394).

Todavia temos o conto “O matador de corretores”, do livro *Amálgama* (FONSECA, 2013), que remete ao tema de relações na cidade, mais precisamente sobre a relação dos indivíduos para com seu próximo no contexto urbano e que, por sua vez, provocam certa instabilidade no convívio social. Assim, seguindo o pensamento de René Girard (2008) sobre a vítima expiatória com relação ao sagrado e a violência, pretende-se analisar no referido conto como o indivíduo tende a ver no próximo uma espécie de bode expiatório para os mais variados problemas vividos na sociabilidade cotidiana.

O conto “O matador de corretores” (FONSECA, 2013), é narrado predominantemente em primeira pessoa, por um narrador-protagonista. A narrativa inicia e termina deixando o leitor com dúvidas sobre o que motivou o início da história e qual é seu verdadeiro desfecho.

Eis o começo do enredo: “- As pessoas andam pela cidade e nada veem. Veem os mendigos? Não. Veem os buracos nas calçadas? Não. As pessoas leem livros? Não, veem novelas de televisão. Resumindo: as pessoas são todas umas cretinas” (FONSECA, 2013, p.79). Já no início o personagem se questiona e se irrita com os problemas vividos na cidade. O personagem ainda faz alusão ao *mass media*, por formarem pessoas ignorantes, fala dos políticos corruptos, e continua criticando o cotidiano das pessoas nas cidades:

[...] essas pessoas nada veem, nem mesmo o fato de estarem cercadas por todos os lados por mais e mais gente, multidões que às vezes tornam o ato de andar pelas calçadas difícil e você tem que andar pelo asfalto. As pessoas também não veem a procissão poluente de carros rolando nas ruas, qualquer bunda-suja tem um carro, pago em 94 prestações. Hoje vi um pobre-diabo que para fugir da choldra que enchia as calçadas *foi andar no asfalto e acabou atropelado por um carro; como é de praxe, ninguém parou para socorrê-lo*, era um

acontecimento sem muita importância e de certa forma corriqueiro (FONSECA, 2013, p.80, grifo nosso).

O aumento da população e dos carros implica em acidentes com mortes que tornaram-se um acontecimento corriqueiro e sem importância, tema que Foucault (2008; 2010; 2014b) mencionou sobre a biopolítica, ao se referir ao perigo que o indivíduo está condicionado a vivenciar nas cidades, às propostas econômicas para incentivar o consumo e aumentar a economia global e a visão de regulamentação populacional.

Aliados a esse modo de vida das ruas nas cidades, temos toda a complexidade da vida urbana. A “complexidade e a heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea têm como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida” (VELHO, 1994, p.97), é por isso que se torna complicado conviver na selva de pedra contemporânea. Cada pessoa tem seu ritmo de vida, com cultura, religião, ideias divergentes, que acabam por sua vez fragmentando a identidade do indivíduo perante a sociedade. Isso afeta a identidade individual, como mostrou Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2011, p.12-13).

Se o pensamento de Stuart Hall aponta a fragmentação da identidade do indivíduo na contemporaneidade devido ao contato com as mais variadas formas de culturas, o pesquisador Gilberto Velho (1994) enfoca as relações sócio-culturais entre os indivíduos que transitam entre vários sistemas, propiciando assim, uma extrema complexidade nas relações socioculturais:

Na sociedade moderno-contemporânea, os indivíduos transitam não entre dois *sistemas* mas entre *n* domínios e/ou níveis socioculturais. Por outro lado, quando se fala em ajustamento, sabemos que é altamente problemático pensarmos tendo apenas *um* sistema como

referência, desde que, por definição, os indivíduos transitam entre mundos e esferas diferenciadas, cujas relações não só não são lineares como não são regulares, aproximando-se, em sua extrema complexidade, de modelos caóticos (VELHO, 1994, p.80).

Portanto, a reação perplexa do personagem-protagonista diante de seu contexto urbano caótico ocasiona a “diversificação de papéis e domínios, associada à possibilidade de trânsito entre estes, possibilitam e produzem identidades multifacetadas e de estabilidade relativa” (VELHO, 1994, p.79).

É esse tipo de experiência que afeta o humor do personagem, que vai se modificando no decorrer do conto, ficando cada vez mais alterado com os problemas que ele já está cansado de observar na cidade como, por exemplo, o grande crescimento de arranha-céus, cuja construção deixa o personagem aflito ao ver o buraco aonde vai emergir a imensidão de concreto. Eis o fragmento que ilustra tal situação:

Mas eu, quando perambulo pelas ruas, vejo tudo. E vejo a pior coisa de todas: a cidade sendo destruída. Não há logradouro em que um prédio não esteja sendo demolido para dar lugar a um arranha-céu, ou então sendo cavado um buraco onde esse monstro vai ser erguido, ou então, pior ainda, um lugar onde essa coisa hedionda já foi erguida. Arranha-céu? Eu disse arranha-céu? O nome certo é arranha-inferno (FONSECA, p.80, 2013).

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2012), a torre simboliza, arranha-céu, remete à Torre de Babel, ou seja, à confusão, à ligação inferno-terra-céu, ao orgulho do homem querer ascender ao céu, à vigilância; por meio deste símbolo podemos notar que, para o personagem-protagonista, o arranha-céu sugere confusão. É interessante lembrar que, ao acessarmos os meios de comunicação, temos várias informações, notícias de violência em prédios, seja por brigas em elevadores, disputa por garagem, suicídio/assassinatos por despencar de janelas de andares altos, sem contar o maior atentado terrorista, o das Torres Gêmeas.

Com este caos em que o personagem tem que conviver, sua noção de mundo passa adquirir uma nova perspectiva:

Eu precisava fazer alguma coisa. Passei na porta de um monstrego desses que acabara de ser construído e vi, em frente a um pequeno galpão, um cartaz que dizia: AQUI. CORRETOR AUTORIZADO. Então tive uma ideia de gênio (FONSECA, 2013, p.80).

Na percepção do personagem-protagonista, a culpa do caos urbano recai sobre os corretores. Então, para ele a vítima expiatória eram os corretores, naquele momento considerados uma “ameaça” àquela sociedade. Desta forma, o personagem atribuiu aos corretores uma condição de *homo sacer*, segundo o conceito de Agamben (2014), os sacrificáveis (*zoé*). Ele começou a matar os corretores e esperava que as mortes fossem notícias de grande alarde na imprensa:

[...] na terceira, uma pequena notícia foi publicada numa página interna: Corretor de imóveis assassinado. Corretor de imóveis assassinado com requinte de crueldade. Deceparam a sua cabeça e os dedos da sua mão.

Uma pequena notícia? Que absurdo, eu queria causar um choque emocional e sai aquela merreca de notícia? Então tive outra ideia brilhante (FONSECA, 2013, p.80-81).

No conto, a repetição dessa violência se tornou banal. Os jornais não se interessaram em noticiar com grande alarde os fatos. Isso causou ainda maior irritação no personagem, que acabou matando mais corretores e das mais variadas formas brutais e cruéis até uma delas se tornasse uma notícia de primeira página nos jornais:

[...] Resumindo esta história que teve um final inesperado: [...] Depois do quinto corretor de imóveis que eu matei... depois do quinto... do quinto... Que som é esse? Eu estava rangendo os dentes? Sim, confesso, eu estava rangendo os dentes, comecei a ranger os dentes depois que li a notícia:

O assassinato dos corretores de imóveis teve um efeito surpreendente: fortaleceu o mercado imobiliário que estava em crise. As vendas de apartamentos em todos os bairros da cidade aumentaram em cerca de 25%...

[...] Peguei a faca, a faca que me ajudara a matar os malditos corretores, e fiquei olhando para a imagem do meu rosto refletida na lâmina. Então, tive uma ideia, uma ideia fantástica que encheu o meu coração de regozijo. Mas ainda não posso contar para vocês. (FONSECA, 2013, p.82, grifo do autor).

O desfecho do conto demonstra que o personagem-protagonista encontrou outra vítima expiatória e assim deixa o final do conto em aberto, pois não sabemos definir quem será a vítima e a tal ideia fantástica. Percebemos, também, mais uma vez, a banalização da violência, e a divulgação pelos meios de comunicação de massa desses

crimes bárbaros. Mesmo com tanta tecnologia, ainda há violência entre os homens, pois eliminar o semelhante é um meio de expulsar os males da cidade ao invés de buscar formas para harmonizar a convivência social. A cidade passa a ser cada vez mais percebida como caótica e sem controle e os indivíduos a vivenciam de forma cada vez mais fragmentada.

Considerações finais

Com esse propósito de questionar constantemente o mundo que nos cerca, a literatura nos proporciona certa reflexão sobre algumas narrativas de Rubem Fonseca com uma intersecção nos estudos propostos por Giorgio Agamben, René Girard e Michel Foucault, a respeito do *homo sacer*, vítima expiatória e biopolítica, ou seja, sobre a sacralidade da vida.

Desta maneira, ao analisar as ações dos personagens da narrativa fonsequiana comparando com as concepções teóricas levantadas no decorrer deste estudo, pode-se levar a concluir que para determinado nível de violência só se poderá ter fim quando todas as vítimas expiatórias, todos os *zoé* forem realocados em seus devidos lugares. Porém, pela concepção contemporânea de biopolítica, o *homo sacer* faz-se necessário para que o Estado de exceção continue a “afiar o arame farpado” para que, assim, a “vida nua” não seja o objetivo final de nossa contemporaneidade, no qual os avanços tecnológicos da genética e a tendência para a busca de um corpo perfeito refletirá na exclusão inconsciente de grupos sociais.

Portanto, podemos notar no decorrer deste estudo, que a literatura continua a captar esteticamente os problemas vividos na sociedade e que, por meio dela, temos a oportunidade de debater/refletir várias situações da ficção com a realidade. Não que a literatura seja um reflexo fiel de nossa realidade, mas por meio de sua verossimilhança com a realidade podemos pensar nos mecanismos que agem em nossa sociedade e que nos provocam certas indagações.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto**: o homem e o animal. Trad. Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013a.

- _____. **Profanações**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2012.
- _____. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- _____. **O que resta de Auschwitz**. Trad. Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2013b.
- BAZZANELA, Sandro L.; ASSMANN, Selvino J. . **A vida como potência a partir de Nietzsche e Agamben**. São Paulo: LiberArs, 2013.
- BOSI, Alfredo (Org). **O conto brasileiro contemporâneo**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: _____ (Org) et al. **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011b.
- _____. A nova narrativa. In: _____. **A educação pela noite**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011c. p.241-260
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva; et al. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Demônios**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. Trad. Joaquim P. Neto. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- FONSECA, Rubem. **64 contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- _____. **Axilas e outras histórias indecorosas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- _____. **Amálgama**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- _____. **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012a. (1975)
- _____. **Os prisioneiros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009. (1963)
- _____. **O doente Molière**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012b.
- _____. **Romance negro e outras histórias**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011a. (1992)
- _____. **O caso Morel**. 6. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Em defesa da sociedade.** Trad. Maria E. A. P. Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Aulas sobre a vontade de saber.** Trad. Rosemary C. Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014a.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber.** Trad. Maria T. C. Albuquerque; J.A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

_____; et al. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX apresentado por Michel Foucault.** Trad. Denise L. de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado.** Trad. Martha C. Gambini. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz T. da Silva; Guaracira L. Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LIMA, Luiz Costa. **Mímesis: desafio ao pensamento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LUCAS, Fábio. O conto no Brasil moderno. In: FILHO, Domício P. et al. **O livro do seminário: ensaios Bienal Nestlé de literatura brasileira 1982.** São Paulo: L R Editores, 1983. p.103 - 164.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. A sinfonia do mal. In: FONSECA, Rubem. **64 contos de Rubem Fonseca.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.09-14.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e Antropofagia. In: _____. **Flores da escrivantina.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.91-99.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTOS, Wendel. O destino da prosa. O vigor do conto em Rubem Fonseca. In: _____. **Os três reais da ficção: o conto brasileiro hoje.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1978. p.109-117.

SILVA, Deonísio da. **O caso Rubem Fonseca: Violência e erotismo em Feliz Ano Novo.** São Paulo: Alfa-Omega, 1983.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Subjetividade e sociedade: experiência de geração.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.